

INDICAÇÕES

TRISTÃO DE ATHAYDE

Nas palavras com que abri o ultimo numero de nossa revista, e que tinham antes sido pronunciadas em sessão do Centro D. Vital durante a revolução de Outubro, ficou bem nítida a attitude deste, em face do actual movimento político.

Se se tratasse de uma revolução baseada nos princípios da Revolução Franceza de 1789 ou da Revolução Russa de 1917, não haveria para os cathólicos duas attitudes a escolher. Esses princípios são nítidamente anti-christãos e apoiá-los seria insurgir-se contra a mais elementar doutrina da Igreja.

Não foi bem esse o caso de nossa Revolução de Outubro. Não havia nenhum princípio cathólico em jogo. Tratava-se de um caso nítidamente político, que não interessava directamente á nossa Causa. E dahi a existência, em ambos os partidos, de cathólicos convictos, que não divergiam em nenhum ponto de Fé e apenas na apreciação política dos acontecimentos.

A revolução, escrevia Jackson de Figueiredo no prefacio á "Columna de Fogo" — "é como o jogo, o que os theologos chamam em si indiferente. O sentido em que se faz, os princípios que a orientam é que lhe dão physionomia moral". Essa é a doutrina cathólica das revoluções, que devem ser apreciadas em cada caso particular e julgadas de acordo com o sentido que to-
mam. Da mesma forma que não ha peccados e sim peccadores, pois aquelles são apenas entes de razão e só estes seres reaes; da mesma forma que não ha doenças

e sim doentes — assim também não existe a Revolução e apenas as revoluções. Joseph de Maistre dizia ter encontrado em sua vida franceses, alemães ou russos, mas nunca ter encontrado — o homem.

O mesmo podemos dizer das revoluções, sem esquecer embora que ha um fundo commun em todas elas, como ha uma unidade substancial da especie humana. Mas, o facto é que cada homem possue a sua psychologia propria, como cada revolução tem o seu caracter distintivo.

Ainda é cedo para estudarmos a fundo a revolução em cujo regimen nos encontramos, tanto mais quanto, segundo o conselho evangélico, só devemos julgar a arvore pelos seus fructos. As paixões ainda estão vivas demais, a liberdade de opinião ainda muito precaria para um estudo imparcial e objectivo dos acontecimentos. Por ora, o facto domina tudo mais. E a elle é que devemos ir com todas as forças de nossa inteligencia, adiando para épocas de mais serenidade e menos ressentimento o juízo sereno sobre o que se está passando.

Podemos, entretanto, desde já verificar que, no meio da confusão e da effervescencia do phénomeno revolucionario já é dado distinguir o inicio de formação de duas correntes, no fundo bem distintas, se bem que mescladas em suas manifestações. Uma é a corrente demagogica, a libertação de instintos, o espirito de vindicta, o afilar de todas as lamas do fundo das aguas, que é a consequencia lamentavel de todos esses movimentos subversivos. E' a corrente do misticismo nacional, do confusionismo brasileiro, da imprensa irresponsavel, do libertarismo que dissemina o veneno da desordem, da indisciplina, do messianismo perigoso que esculha entre os simples a convicção de que um movimento politico liberal, como este, mais de pessoas e

(1930)

bons propositos que de regimen, pode curar de prompto os males profundos da nacionalidade.

Essa é a corrente perigosa que, se vier a dominar, vai arrastar-nos a todos os males do extremismo revolucionario moderno, cuja consequencia fatal é o materialismo comunista, a perseguição systematica ao espirito de religião, de tradição christã, de regeneração social pela espiritualidade, de nacionalidade propria, de liberdade individual para o bem, que nós católicos representamos, no mundo paganizado de nossos dias, se bem que profundamente contaminados também por todos os males desse mundo.

A outra corrente da nossa Revolução de Outubro (pois a Revolução Russa tambem é "a Revolução de Outubro", o que enche com razão de esperanças os nossos communistas patricios...), a outra corrente revolucionaria, que de revolucionaria só tem o nome, — é a corrente nacional, tradicional, christã, que via no regimen passado um regimen de materialismo economico, de oligarchias politicas, de falsificação democrática, e fala pela voz das populações, das mineiras e nordestinas, e fala pela voz das religiosas e levantadas em las sobretudo, essencialmente religiosas e levantadas em peso por um movimento de idealismo real e de esperança sincera de regeneração politica.

Esta é a corrente sadia e boa da Revolução de Outubro, a corrente que é preciso aproveitar, guiar, argumentar, para que se neutralise o effeito da primeira corrente mais penetrada do espirito revolucionario no puro sentido da palavra.

Creio mesmo que muitos outros matizes já é possível encontrar nas varias correntes de opinião que começam a formar-se depois da grande onda revolucionaria, que pela primeira vez na historia da nacionalidade brasileira assume as proporções que assumiu. Tudo já são prenúncios das varias modalidades em

que tenderá a dividir-se a opinião pública, passados os primeiros meses de idílio revolucionário. São prementes entretanto quaisquer conjecturas mais precisas sobre a orientação política do nosso proximo futuro. Nem ella nos interessa directamente. "A Ordem" não apoia nem combate qualquer partido político. Sua unica política é aquella que Pio X definiu como sendo — "a política do altar". E' a unica que cabe dentro do

programma de nossa revista. E se vemos, com grande e funda inquietação, a participação excessiva que certos elementos do clero tem tomado nos últimos acontecimentos, é porque justamente tememos o perigo da invasão da política na ordem dos interesses espirituais. Vemos a reprodução daquelles tempos ominosos da Regencia, em que o clero indisciplinado e heterodoxo, se envolveu ostensivamente nos movimentos libertários da época, com grave prejuízo para a obra civilizadora da Igreja, em nossa terra. E' preciso separar nitidamente essas actividades, para que não venha a succeder com o clero e a política no seculo XX, o que se passou com o clero e a maçonaria no seculo XIX. A obra de D. Vital foi uma obra de espiritualização do clero, de separação de actividades, de disciplina religiosa. A elle devemos, por isso mesmo, o renascimento da vida religiosa brasileira e a depuração de nossa catholicidade.

Essa obra precisa ser mantida em toda a sua plenitude, pois o confusionismo brasileiro tende a invadir todos os terrenos e ameaça destruir a obra que o bispo-martyr sellou com o seu martyrio. A finalidade do Centro D. Vital é exactamente perpetuar essa obra salvadora e estendê-la a todos os meios da sociedade, especialmente os intelectuaes.

Temos, por isso mesmo, um grave dever a cumprir nesta hora de reconstrução nacional. Fosse qual fosse a atitude pessoal de cada um de nós em face da Revolução hoje triunphante, não temos, como católicos

e como "vitalistas", o direito de nos contaminar pelo confusãoismo liberal-revolucionário nem de nos acastellar na reacção contra-revolucionária. A Igreja não é revolucionária nem contra-revolucionária: é extra-revolucionária. Ela não recommends nem rejeita systematicamente este ou aquele regimen político. Sua obra é a de sobrenaturalizadora de todos os regimens, de todas as modalidades sociaes.

E essa tem de ser, longe de preferencias ou reputações individuaes, longe sobretudo de qualquer interesse temporal, essa tem de ser a nossa obra espiritual. Temos um grave dever a cumprir nesta hora de incerteza e transição política. Temos o dever de encaminhar as aguas da subversão política para o leito do cristianismo social. Temos o dever de trabalhar para que a apostasia republicana de quarenta annos, que é até hoje a maior culpada de tudo por que estamos passando, venha finalmente a terminar de modo a permitir que o Estado e os seus governantes voltem ás verdadeiras raias da nossa nacionalidade.

Temos, portanto, antes de tudo, de impedir que a corrente demagogica ou cesarista sobrepuje a corrente christã. Temos em seguida de evitar que essa corrente christã se contamine e se deturpe com os sophismas das duas primeiras. Temos, depois, de trabalhar para que as nossas reivindicações se incorporem ao nosso futuro Estatuto Político.

Finalmente, "last but not least", temos de enfrentar, na melhor das hypotheses, a responsabilidade decorrente do reconhecimento de nossos direitos. E é essa, a meu ver, a mais difícil e a mais necessaria das tarefas. E para a qual precisaremos então, não de padres-políticos, mas de padres-sacerdotes, não de "catholicos-revolucionarios" (como temos em folhas católicas da maior responsabilidade...) mas de católicos verdadeiramente christãos, de doutrina e de fé, católicos dis-

ciplinados, orthodoxos, conhecedores do "Syllabus" e devotados á causa de Nossa Senhor Jesus Christo e de sua Igreja, que é a Sua perpetuação entre nós.

Não podemos perder o contacto com os factos, nem sofrer o contagio dos factos. Eis o caminho difficult que devemos trilhar. Mas temos a guiar-nos, no plano sobrenatural, a luz da Providência que tudo faz para nosso bem. E no plano temporal, temos tambem a segurança de um chefe como nenhum melhor podíamos esperar: D. Sebastião Leme.

Jackson escreveu, numa carta de 1923, ha sete anos portanto, num dos seus innumeros rasgos de adivinhação prophetica: "D. Leme é a maior esperança do Brasil". E os acontecimentos mais recentes de nossa história estão mostrando que assim é. D. Sebastião não é o Bispo distante, que opera apenas pelo respeito e pelo cargo. Ele é positivamente o "bispo vivo" de que nós precisavamos, o verdadeiro "homem de Deus", nesta sociedade cada vez mais sem Deus de nossos dias. E o bispo que não se arreceia de vir para o meio da multidão, que não teme assumir as responsabilidades do seu posto, que sabe conservar a mesma segurança no terreno solidídos principios, como na areia moveida da acção e cuja mão de pae e de chefe nós sentimos energica, firme e tão mansa a guiar os nossos passos incertos, nesta hora difficilma que estamos vivendo.

Jackson nos faltou na hora do perigo, não porque fugisse dele, mas porque Deus o levou mais cedo. Mas foi elle mesmo que nos entregou ao nosso verdadeiro guia, a D. Sebastião Leme, que é nesta hora amarga que vivemos, a grande figura do Brasil que espera, do Brasil que confia, do Brasil que deseja tirar, dessa subversão politica que sofreu, os fructos de sua regeneração christã.

Silencemos, portanto, qualquer resentimento ou te-

mor (e eu confesso que os meus são consideraveis e sombrios) pelo curso dos acontecimentos. E confiemos na Graça que illumina o nosso grande bispo, em quem Jackson sempre viu o homem providencial para o Brasil moderno.

Só temos, portanto, um caminho a seguir, para sermos fieis á memoria de Jackson, á palavra da Igreja e á voz do Brasil religioso, que ha quarenta annos assiste a uma scisão crescente entre o Governo e o Povo, por via da separação radical entre a Autoridade e a Religião. E esse caminho é o do trabalho incessante e anonymo, para que da subversão politica que nos colloca novamente em uma encruzilhada possamos seguir o caminho de Christo e não a estrada de Mammon.

Essa é a esperança do Brasil catholico, pela qual é nosso dever trabalhar, quaesquer que sejam as duvidas que nos atormentam o espirito, quanto ao curso futuro dos acontecimentos.

Em breve, vai reunir-se a nova Constituinte e nella veremos então qual das duas correntes, que a Revolução de 1930 apresenta, consegue prevalecer sobre a outra, a não ser que ambas prevaleçam ou ambas se anullem e que continuemos como até hoje no mesmo confusismo, no mesmo ecletismo, na mesma "extralimitação de todos os valores" como dizia o nosso Jackson e como eu temo que venha a succeder.

Pouco importam, porém, esses temores. Precisamos é trabalhar para que elles sejam infundados e para que os principios basicos da ordem social christã venham de novo informar a nossa Constituição politica.

Pedimos pouco, pois bem sabemos que não são as Constituições que formam os homens e sim os homens as Constituições. Não é a letra da lei que importa, mas sim o espirito de quem a applica. E, na melhor das hipóteses, o nosso trabalho post-constitucional terá de ser muito maior do que o trabalho pre-constitucional, pois o

dificil não é incorporar os principios na letra da Lei Basica e sim applicá-los mais tarde á nossa complexissima realidade.

E' preciso, entretanto, que ao menos alguns pontos estructurais sejam incorporados ao novo Estatuto politico, que nos vai reger. E esses pontos devem ser muito geraes, mas bem explicitos em sua positividade, como passo a enumerar:

1.º — Que a Constituição seja promulgada em nome de Deus, para que cesse o atheismo official de nossa carta politica fundamental.

2.º — Que a Constituição reconheça explicitamente o catholicismo como a religião do povo brasileiro, de modo que a religião catholicica represente a vontade religiosa predominante para a interpretação das leis estructurares da Republica.

3.º — Que, mantida naturalmente a indissolubilidade, seja o casamento religioso oficialmente reconhecido, de modo a darmos de novo á Familia, com o assentimento do Estado, a sua base sacramental, sem a qual assistiremos á sua inevitável dissolução.

4.º — Que o ensino religioso catholicico seja novamente incorporado ao nosso ensino primario e secundario official, com as garantias necessarias ás confissões não catholicas. E que os seminarios de formação sacerdotal, salva a sua dependencia das Autoridades Ecclesiasticas, fagam parte da Universidade, como um ramo de ensino superior.

5.º — Que seja oficialmente autorizada a assistencia religiosa ás classes armadas, ás penitenciarias, aos hospitales e asylos do Estado etc.

6.º — Que nenhuma medida de excepcion politica seja applicada contra os membros das organizações religiosas.

Eis, creio eu, o minimo de reivindicações catholicicas, que devem ser incorporadas á nossa futura Carta Politica. Teremos assim dado o primeiro passo no sen-

to de corrigir os males da apostasia official que levou a Republica ás luctas intensas desses ultimos oito annos. E iniciado o movimento de reforma social christã, que virá reintegrar a nacionalidade em suas bases verdadeiras e estaveis.

Para tudo isso, é mais necessaria agora do que nunca a obra de regeneração da cultura religiosa brasileira, que é a obra capital do nosso Centro e da nossa revista.

Pois se abrem dois caminhos em nossa frente: Ou conseguimos repor a Republica no caminho da ordem social christã, que é o seu caminho natural e unico verdadeiramente salvador, — e neste caso precisamos que as intelligencias se esclareçam para a applicação dos novos principios de organisação social.

Ou não conseguimos realizar os nossos ideaes, vencemos a Republica perseverar na sua apostasia, o laicismo irradiante, o divorce dissolvendo a familia, o atheismo corrompendo os costumes e nesse caso, mais do que no outro, precisamos de agir sobre as intelligencias para impedir, no que esteja em nossas forças, que a barbaria-civilizada venha substituir a actual barbaria-inculta de nossa terra.

Em um como em outro caso, a cultura religiosa superior que o Centro D. Vital tem por função primeira disseminar pelo Brasil inteiro. — é o dever primordial de nossos esforços.

Christo é o meio unico de unir o Brasil que pensa ao Brasil que sente, o Brasil que governa ao Brasil que trabalha, o Brasil que aparece ao Brasil anonymo.

A Republica até hoje os tem separado de mais em mais. Só a volta a Christo poderá novamente reuni-los. Foi esse o verdadeiro ideal de Jackson de Figueiredo, como terá de ser o nosso ideal politico, longe dos partidos, muito acima das paixões, na esphera serena em que tocamos a propria luz da Verdade Suprema.